

GILLES DE RAIS, O DES ESSEINTES DO SÉCULO
XV: O PRINCÍPE ENTEDIADO

*Luiz Antonio AMARAL**

"Gilles de Rais, (...), la formidable figure de ce satanique qui fut, au quinzième siècle, le plus artiste et le plus exquis, le plus cruel et le plus scélérat des hommes." (4, p. 47)**

I

Antes de desenvolver o tema proposto para este trabalho, cumpre fazer algumas considera

* Departamento de Letras Modernas - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800 - Araraquara - SP

** Tradução gentilmente realizada pelo Prof. Elcio Fernandes: "Gilles de Rais, (...), esta formidável figura satânica que foi, no século quinze, o mais artista e o mais requintado, o mais cruel e o mais celerado dos homens" (4, p. 47).

ções a respeito do autor escolhido - J.K. Huysmans - e das duas personagens referenciadas no título acima, a saber: **Gilles de Rais e des Esseintes**.

Para tanto, destacarei nesta primeira parte alguns momentos biográficos do autor em questão e, na medida em que surgirem as obras publicadas a que pertencem as duas personagens (*A Rebours* e *Lã-Bas*), interrompereei o fluxo biográfico em favor da caracterização de ambas, a fim de que o destinatário possa ter algumas informações que, sem dúvida, (espero!), ajudarão no acompanhamento da análise a se realizar na segunda parte deste trabalho.

Em relação à expressão **Príncipe Entediado** do título, cumpre lembrar que ela está calcada em outra expressão - **Príncipe Cansado** - cunhada por Auerbach em *Mimesis*, capítulo XIII, páginas 277/297, Editora Perspectiva, a partir da personagem **Henrique IV**, de Shakespeare e, aqui, deve significar um topo acima na gradiente estabelecida pelo primeiro.

J.K. Huysmans é o pseudônimo literário de Charles-Marie-George Huysmans, nascido em 05 de fevereiro de 1848, em Paris. Aos oito anos de idade, seu pai morre e algum tempo depois sua

mãe contrai segundas núpcias com o dono de uma encadernadora de livros, que irá inspirar tanto o ambiente como as personagens de seu livro *Les Soeurs Vatard* (As Irmãs Vatard, de 1879).

Depois de ter cursado o colégio, Huysmans emprega-se no ministério do Interior e, ao mesmo tempo, inscreve-se na Faculdade de Direito de Paris.

Em 1867, tendo já iniciado suas atividades literárias, colaborando na *Revue Mensuelle*, apaixonou-se por uma atriz de teatro. Dessa efêmera ligação amorosa, ficou a matéria prima que será trabalhada no seu livro: *Marthe, histoire d'une fille* ("Marta, história de uma prostituta", 1876).

Em 1870, Huysmans é convocado pela Guarda Nacional, participando da guerra franco-prussiana; mas por ser lotado no Ministério da Guerra, durante a **Comuna*** transfere-se para Versailles.

* poder revolucionário instalado em Paris, depois da retirada dos prussianos da capital francesa e a insurreição de 18 de março de 1871, reprimida em 28/05/71, seguida de um novo golpe pela armada do governo de Thiers. Foi a primeira experiência de autogoverno democrático, popular e que inspirou Marx a cunhar a expressão "ditadura do proletariado".

Em 1876, sua mãe morre e ele tem, de assumir os negócios da família, voltando então para Paris e para o ministério do Interior.

Huysmans estréia nas letras francesas em 1874 com seu livro *Le Drageoir aux Épices* (A Caixa de Especiarias), obtendo, a partir de então, um certo renome e passando co conviver com jovens intelectuais como Villiers de l'Isle-Adam. Por aquela época, sua colaboração regular na imprensa versava sobre artes plásticas em geral e sobre pintura, em particular. Revelava, desde aí, o espírito arguto necessário ao crítico de arte que mais tarde se tornará.

Além da amizade por Villiers, Huysmans se aproximará também de Edmond de Goncourt, Flaubert, Zola e Mallarmé. É Zola quem o convida a participar do círculo de estudiosos do Naturalismo, acompanhando com muito interesse a fatura do romance *Les Soeurs Vatard*; ao publicá-lo Huysmans o dedica ao Mestre Zola.

Em 1881, durante uma crise de neuralgia, Huysmans segue para Fontenay-aux-Roses, vilarejo próximo de Paris, que será o **abrigo** de des Esseintes contra a vulgaridade da burguesia da capital. Além desse vilarejo, Huysmans, naquele ano, conhece o castelo de Lourps, transformado

em *A Rebours* no lar original de des Esseintes.

Em maio de 1884, Huysmans faz publicar o romance *A Rebours*, provocando de imediato o entusiasmo de vários escritores mas desagradando profundamente a seu mestre Zola, uma vez que esse romance desferia um golpe mortal contra os princípios naturalistas. Era o discípulo, até então obediente, que se rebelava para valer, já que sua proposta era a de se opor radicalmente ao estabelecido, tanto na vida como na arte, ou seja, romper na ficção com o princípio naturalista de se tentar "criar seres que fossem tão parecidos quanto possível com a média das pessoas". Como bem afirma José Paulo Paes: (5, p. 8)

"Nada mais longe da "média das pessoas" do que des Esseintes, o protagonista de *As Aversas*, hoje definitivamente incorporado, (...), à galeria dos grandes personagens da literatura".

Na construção da personagem de Esseintes, Huysmans ressalta qualidades, tais como: a do "dandy" parisiense, apreciador das artes, de gosto refinado e singular, inclusive quanto ao sexo:

"(...) resguardado da tolice ambiente pelo seu des
dêm, comprazendo-se, distante do mundo, nas surpre
sas do intelecto, nas visões do seu cérebro, re
quintando pensamentos já especiosos, enxertando-
lhes finuras bizantinas", (5, p. 9)

e antes de se entediar irremediavelmente da so
ciedade parisiense, des Esseintes será visto co
mo excêntrico ao se vestir com trajés de veludo
branco, coletes debruados a ouro e, no lugar de
gravata, um ramo de violetas. Tal era o seu re
quinte exterior.

Além da excentricidade externa, é o tédio,
o "spleen" baudelairiano que marca a figura des
se herói que, significativamente tem em
Schopenhauer, o seu filósofo predileto, citado
no Capítulo VII de *A Rebours* a propósito do **en-**
faro da vida:

"invencível tédio gerado pela abundância". (5, p.
10)

Des Esseintes, porque nascido em uma famí
lia abastada e nobre, sofre do "mal da abundân
cia" - que lhe permite realizar todos os dese
jos, alcançar todos os objetos, degustar todos
os prazeres, inclusive os da carne:

"Mas se o preço da abundância é a saciedade, o preço da saciedade é o tédio. Para fugir do tédio, des Esseintes se vê forçado a refinar cada vez mais os seus prazeres. *As Aversas* nos descreve em pormenor, ao longo dos seus dezessete capítulos, o progressivo itinerário desse refinamento, (...)" (5, p. 10)

À medida que a personagem evolui no itinerário do refinamento, ela vai, aos poucos, lapidando, através do prazer imaginado, a vida tal como é oferecida na natureza, edificando, nesse sentido, um mundo "à rebours" em relação ao proposto pelo modelo naturalista:

"Era o avesso simétrico da prática dos naturalistas, sempre tão sôfregos de sujar as mãos no trato direto com o que a realidade tivesse de mais nua e crua, donde preferirem conceber os seus heróis como seres "destituídos de alma, regidos singelamente por impulsos ou instintos" (...)" (5, p. 12)

Des Esseintes, ao levar ao extremo o seu exercício de prazer cerebrino, opondo-se radicalmente ao automatismo dos instintos, desemboca na "nevrose",

"Uma doença que, irmã gêmea do tédio, deixou seu sinal (...) nos fins do século XIX (...)", (5, p. 12)

Como o objetivo deste trabalho não é o de discorrer em profundidade sobre a personagem des Esseintes de *A Rebours* mas apenas localizá-la, a fim de que o destinatário possa melhor acompanhar a análise paralelística que se seguirá, arolo apenas mais algumas características fundamentais que, creio, para o que se pretende, sejam suficientes, a saber: a personagem alterna momentos de uma profunda excitação mental com períodos de prostração física exagerada. Mas é nos períodos de superexcitação mental que a personagem vê aguçada a sua inclinação pelo "erudito", pelos "pesadelos complicados", pelas "visões lânguidas e atrozes"; orienta-se para o "perverso" e para o "fantástico", buscando contestar a vulgaridade dos fatos através de ações imaginativas excêntricas como, por exemplo, a sua sala de jantar que reproduz a cabine de um navio, com odor de alcatrão e maresia, a fim de que, não precisando abrir mão do conforto doméstico - sua intimidade permaneça protegida! -, ao mesmo tempo, podia lançar-se em viagens imaginárias.

Assim, des Esseintes é um apaixonado pelo artifício, pois é aí que ele vislumbra

"ímpetus no rumo de um ideal, de um universo desconhecido, de uma beatitude longínqua, desejável como aquela que as Escrituras prometem". (5, p. 15)

Dois anos depois do surgimento de *A Rebours*, Huysmans, em 1886, faz publicar outro romance: *En Rade* ("Ancorado"). É importante observar que o espaço deste romance - o Castelo de Lourps - é o mesmo, agora, arruinado, castelo onde des Esseintes nascera. Em 1885, Huysmans visita-o novamente, acompanhado de sua amante - Anna Meunier - com quem se relacionará até a morte dela, em 1895, vítima de uma doença que resultou em paralisia geral.

A partir de *En Rade*, acentuam-se as preocupações religiosas em Huysmans, o que o leva a conhecer pessoas que lidam com o ocultismo e o faz aprofundar-se em estudos sobre o **Satanismo**, resultando, em 1891, na obra *Lã-Bas*, cujas personagens **Durtal** e **Gilles de Rais** serão objeto, agora, de consideração.

O romance *Lã-Bas* é constituído de vinte e dois capítulos pelos quais algumas personagens passearão seu cotidiano; entre elas destaque:

Durtal: personagem central do romance, escritor, estuda o final da Idade Média e pretende compor a biografia de Gilles de Rais. Devido às situações obscuras na vida do seu biografado e às peculiaridades daquele período histórico, acaba por ter de se dedicar ao estudo do Satanismo. É importante lembrar que, para Huysmans, o nome Durtal, nas línguas nórdicas, pode significar "la vallée de l'aridité ou la vallée de la Porte"* . Um estudioso da obra de Huysmans, Yves Hersant, aceita a possibilidade dessa dupla significação no nome Durtal:

"(...) **l'aridité**, la dispersion, stérile qui caractérisaient des Esseintes, Durtal s'en délivre en faisant oeuvre d'artiste, en ne se déroband pas à l'écriture; et il est aussi **la porte** qui de d'esthétisme conduit à la religion, marquant ainsi le seuil d'une odyssee spirituelle" (4, p. 381)**

* Tradução gentilmente realizada pelo Prof. Elcio Fernandes: "O vale da aridez ou o vale da Porta".

** Tradução gentilmente realizada pelo Prof. Elcio Fernandes: "(...) a **aridez**, a dispersão estéril que caracterizavam des Esseintes, Durtal se liberta delas, realizando uma obra de artista, não se furtando à escrita; e ele é igualmente a **porta** que leva do estetismo à religião, assinalando desse modo o limiar de uma odisséia espiritual" (4, p. 381)

Gilles de Rais: personagem histórica da primeira metade do século XV (1404-1440), participou, ao lado de Jeanne d'Arc, da expulsão dos ingleses, na **Guerra dos Cem Anos**. Nasceu entre as regiões da Bretanha e de Anjou, no castelo de Machecoul. É abandonado pela mãe, com onze anos, e passa a ser tutelado pelo avô, Jean de Craon. Com dezesseis anos, seu avô o obriga a se casar com Catherine de Thouars. Com vinte-e-um anos, participa da corte do Delfim, já como um dos barões mais ricos da França. Organiza, com seus recursos, um exército para defender Carlos VII e a França. O rei o incumbe de defender e de proteger Jeanne d'Arc até a coroação do rei em Reims. Com vinte-e-um anos é nomeado Marechal da França. Após a prisão de Jeanne d'Arc e sua condenação, há um período obscuro em sua biografia. É esse período o objeto de reconstituição da personagem Durtal. O Marechal, conhecido mais tarde também como **Barbe-Bleue**, reaparecerá, a partir de 19 de setembro de 1440, data do início do seu julgamento para, quarenta dias depois, ser condenado à morte.

O texto **Lã-Bas** narra o percurso que a personagem Durtal-escritor-realiza em direção ao passado longínquo (final da Idade Média), buscando

recuperar a biografia de Gilles de Rais - também conhecido como o **Barba-Azul**. Ao mesmo tempo que se volta para aquela época, Durtal acaba por in cursionar em direção ao mundo subterrâneo, ocul to, de sua Paris contemporânea. Procurando elucidar os pontos obscuros de uma biografia perdida em um tempo da História, Durtal se orienta na descoberta de si mesmo e no reconhecimento do destino paradoxal que rege o momento da sua His tória e do seu século: passado/presente, objeti vo/subjetivo estão ligados por uma estranha "cor respondência", regida exclusivamente pelos "lan ces de dados". Neste sentido, Durtal descarta a possibilidade de haver uma linearidade progrssi va como único caminho para a descrição da Histó ria e da busca da verdade. Razão e Consciência não estão necessariamente unidas. Entre elas há todo um universo oculto, povoado de elementos irracionais e que se manifestam sempre e apenas quando a Imaginação os acionar.

Desse ponto de vista, a pesquisa realizada por Durtal para recuperar a existência parado xal de Gilles de Rais desemboca na negação de, ao menos, duas premissas básicas do positivismo científico:

- a) na negação de que o progresso da ciên

cia, em direção à verdade, acontece quando unimos novas observações às observações passadas, supondo um processo de linearidade histórica;

b) na negação de que é a Lógica, isto é, a Razão, a única orientadora suprema das explicações sobre o mundo e o homem.

São ilustrativos dessa dupla negação tanto os dois momentos da vida de Gilles de Rais (o **durante** a Guerra dos Cem Anos e o Companheirismo de Jeanne d'Arc e o **após**, a sua vida no Castelo de Tiffauges, quando foi conhecido como **O Barba-Azul**) como os acontecimentos na vida de Durtal.

Aliás, esse será o dilema da personagem central do romance *Lã-Bas* para quem **percepção/ob-****servação/interpretação** são atividades mentais simultâneas, cujo resultado - aquilo que se oferece ao público - é o mundo definitivo, totalmente interpretado e de responsabilidade do observador. Convencido de que o mundo e o homem dependem daquele que os observa, ele procurará também oferecer sua contribuição enquanto escritor, fazendo incidir sobre Gilles de Rais uma outra "luz", embora sabendo que, ao final - visto que certos compromissos são mantidos em favor de uma certa estabilidade e que ninguém escapa aos mecanismos censores da sociedade - o destino de

Gilles é um só: **o de ser queimado vivo!** Isso o torna interessante para a história e para a ficção, ou seja, o herói entrega o seu corpo físico para cumprir uma das exigências da passagem para o plano mítico.

Durtal, enquanto escritor, se dá conta de que, no percurso de Gilles de Rais, por ele refeito, a História - enquanto "imagem eterna do passado e do homem" e que "só se revive o passado através da identificação afetiva do historiador com seu objeto" (3, p. 7 e passim) - não se realiza dessa forma, mas de outro modo - "**à rebours**" (às avessas). É preciso renunciar à ideologia de progresso e à estreita identificação afetiva e estabelecer com o passado para o qual se voltou uma "experiência única", ou seja, o escritor

"(...), reconhece o sinal de (...) uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada (...)" (3, p. 231)

Ao mesmo tempo que o escritor reflete sobre o desenvolvimento da realidade no tempo em questão - onde ele detectara uma tensão - essa reflexão implica também no estudo crítico do processo de seu relato, ou seja, no questionamento reflexivo de uma práxis narrativa. Esta, em última instância, deve permitir que aquelas vozes, su focadas no passado, encontrem espaço para que seu apelo seja captado no presente. É no proceso de sua escrita então que passado e escritor podem realizar o

"(...) encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa" (3, p. 223)

Introduzidas tais considerações a propósito de Durtal, Gilles de Rais e o romance *Lã-Bas*, cumpre finalizar nesta primeira parte os dados últimos da biografia de Huysmans. Após a publicação de *Lã-Bas*, ele descobre a beleza da arte cristã. Descansa algum tempo em Trappe d'Igny, no Marne e, ao cabo de terríveis conflitos interiores, converte-se à fé cristã, ilustrada em *En Route*, de 1895. Sofre profunda transformação existencial de que são testemunhos suas últimas obras: *La Cathédrale* (1898), *L'Oblat* (1903) e

Les Foules de Lourdes (1906).

Em 1907, abril, recebe a extrema-unção e vem a falecer em 12 de maio, vítima de um câncer na garganta.

II

É no quarto capítulo de *lã-Bas* que Durtal - Huysmans se depara com uma dificuldade histórica e existencial, qual seja: ter de explicar como um homem que foi um bravo guerreiro e bom cristão tenha-se tornado, subitamente, homem sacrílego, sádico, cruel e pusilânime.

Antes de mais nada, o modelo de herói - "príncipe entediado" - é um modelo talhado para personagens que sofrem transformações oriundas de uma crise de valores, fazendo coincidir com a crise de uma determinada época. É nesse sentido que Gilles de Rais pode ser considerado o desesseintes do século XV, da mesma forma que Durtal se identifica com Gilles de Rais ao final do século XIX. Sendo assim, cabe aqui tecer algumas considerações a propósito dos conceitos de História e de herói desenvolvidos no século XIX, sobretudo à luz da concepção decadentista. Para tanto, há de se recorrer aos avanços, neste ter

reno, propostos pelos Românticos.

O Romantismo é um movimento de ruptura com o fechado universo clássico e o primeiro elemento a ser rompido, e que é fundamental, é o pre conceito imposto pela Razão. Se o universo clássico parte do Instintivo para chegar à sua negação, negando portanto a sensibilidade, a emoção, a individualidade, até atingir o racional que representa aquilo que, segundo sua ótica, seja o universo do humano, o Romantismo, por sua vez, realiza o percurso inverso: parte da Razão Clássica, do racional, para chegar à sua negação e atingir o Instintivo, a sensibilidade, o sonho, a imaginação, dando assim prioridade ao elemento individual.

Com a ruptura da Razão pelo Romantismo e a instauração do Instintivo e do Sensível no ápice do universo, ocorrem conseqüências vitais para o desenvolvimento do pensamento humano, nos séculos XIX e XX, a saber: a mudança na concepção da História e na concepção psicológica do homem. No Classicismo, a História é concebida como uma manifestação mecanicista dos fenômenos, na medida em que há uma ordem pré-estabelecida, o que, de certa forma, estaticiza a concepção clássica da História, visto haver um modelo que se deve pre

sentificar em todos os acontecimentos, impedindo o homem de transformá-los; o que o homem deve fazer é apenas confirmar esse modelo através de suas ações norteadas pela Razão. Com o Romantismo, uma vez que a prioridade é o indivíduo, observa-se uma inversão nessa concepção: o homem passa a ser o elemento fundamental na existência dos fenômenos, visto ser ele a mola-mestra de toda e qualquer transformação. O homem, como indivíduo, assume a responsabilidade de seus atos, ele se torna o construtor do seu destino.

Com a dinamização do conceito de História e do seu principal agente - o homem - faz-se necessário também tornar dinâmico o método de abordagem utilizado por ela, donde os seus princípios essenciais de erudição, objetividade e espírito crítico.

Ora, Durtal como escritor é adepto desses três princípios, porém só eles não dão conta de transformação tão radical daquele herói medieval às avessas. É preciso, portanto, avançar auxiliado por outra ciência - a Psicologia - visto que se o homem assume importante papel para a história social, então sobre ele também se voltarão os olhos do conhecimento e, todos os elementos, antes bloqueados pela Razão Clássica, emergirão

do fundo de si mesmos, dando origem a um novo tipo de investigação, a qual terá grande quantidade de material a ser trabalhado, sobretudo aquele que se refere ao Instintivo e que é parte integrante e inalienável do homem.

Não basta, portanto, a Durtal a documentação social de Gilles de Rais, é preciso indagar-lhe a alma também, percorrendo o universo onírico e o imaginário do Marechal.

Desse modo, se para o universo clássico, o herói deveria significar a força catalizadora do desejo geral - era uma espécie de condutor de todos em direção ao Absoluto a partir da práxis do conjunto de regras as quais expurgavam qualquer postura individualista em favor do coletivismo -, para o herói, **às avessas**, construído por Durtal, o seu percurso será o seguinte: ele se heroiciza à medida que acredita reunir nele os atributos do Absoluto, ou seja, ele é a única expressão possível do Absoluto, ele é a sua encarnação e, como tal, significa o único caminho de conhecimento e é nele, então, que devem habitar todos os desejos, todos os anjos e todos os demônios. Neste momento, é interessante recorrer ao texto de *Lã-Bas*, a fim de notar algumas características do Marechal, através do narrador

Durtal:

"La vieille culotte de fer, le soudard qui étaient en lui disparaissent. En même temps que les méfaits vont commencer, l'artiste et le lettré se développent en Gilles, s'extravasent, l'incitent même, sous l'impulsion d'un mysticisme qui se retourne, aux plus savantes des cruautés, aux plus délicats des crimes.

"(...) lui, veut des raffinements éperdus d'art, rêve de littérature térébrante et lointaine, compose même un traité sur l'art d'évoquer les démons, adore la musique d'Eglise, ne veut s'entourer que d'objets introuvables, que de choses rares.

"Il était latiniste érudit, causeur spirituel, ami généreux et sûr. Il possédait une bibliothèque extraordinaire pour ce temps où la lecture se confine dans la théologie et les vies de Saints. (...). Ses goûts d'ameublement étaient solennels et bizarres; (...). Il aimait les repas studieusement épicés, les vins ardents, assombris par les aromates; il rêvait de bijoux insolites, de métaux effarants, de pierres folles. Il était

le des Esseintes du quinzième siècle!" (4, p. 73/
74)*

-
- * "Os antigos calções de ferro, o velho soldado que o habitavam desapareciam. Ao mesmo tempo que os delitos estão para começar, o artista e o homem de letras manifestam-se em Gilles, extravasam-se, incitam-no mesmo — sob o im pulso de um misticismo que se reverte — às crueldades mais requintadas, aos crimes mais delicados.
- "... ele quer sutilezas desvairadas de arte. Sonha com uma literatura terebrante e longi qua, compõe até um tratado sobre a arte de evocar os demônios, adora música de igreja, deseja circundar-se apenas de objetos inalcançáveis, de coisas raras.
- "Era um latinista erudito, tinha uma conversa ção espirituosa, era um amigo generoso e sem pre prestativo. Possuía uma bilbioteca extra ordinária, levando-se em conta um tempo em que a leitura se limita à teologia e à vida dos santos. (...) Os móveis que preferia para decoração eram solenes e bizarros; (...) Ado rava jantares minuciosamente condimentados, os vinhos ardentes, obscurecidos pelas fra grâncias; sonhava com jóias insólitas, com me tais assombrosos, com gemas extravagantes. Era o des Esseintes do século quinze!" (4, p. 73-74). (Tradução gentilmente realizada pe lo Prof. Elcio Fernandes)

Gilles de Rais se coloca como um herói que, ao buscar percorrer o mundo para conhecer-se, acaba por experimentar apenas a solidão. Esse é seu estado permanente e sua única condição possível já que não está interessado em reafirmar valores — a Guerra dos Cem Anos e Jeanne d'Arc haviam ficado para trás — apenas o preocupa saber de sua alma e a consequência é a derrota, pois o que lhe é devolvido, ao deparar-se com a realidade, é a sua condição de desamparo. A tomada de consciência dessa condição, em última instância, produzir-lhe-á a lucidez fatal que o encaminhará em direção ao cadafalso, à Aniquilação — único consolo para quem está só e abandonado pelos deuses.

Embora Gilles de Rais seja um herói medieval e tenha tudo para ser um herói nacional, (a primeira parte de sua biografia, lutando pela restauração do governo da França contra os ingleses), ele já não faz crer num mundo pleno de beleza e esperança nem em valores como: tradição — família — propriedade. Ao contrário, pelas suas ações ele nega o humanitarismo em relação ao próximo, segundo a ideologia cristã, negando qualquer proposta de solidariedade construída sobre os pilares da fé, da esperança e da caridade. É

um herói que não abre mão de seu imaginário, porque ele é a única possibilidade de experimentar a verdadeira liberdade. O preço de ter conservado o imaginário será o isolamento da sociedade; torna-se um "maldito", um decadente, fundando a sua própria ordem social.

Gilles de Rais tem como ideal abolir a sanção, ou seja, no seu mundo - o castelo de Tiffauges - não há mais sanção nem positiva nem negativa, pois vício e virtude se equivalem, donde a decomposição dos valores sociais e morais. Quer apenas o Belo, mesmo que seja arrancada à força das entranhas de uma criancinha. Neste sentido vale lembrar estes versos de Baudelaire:

"Viens-tu du ciel profond ou sors-tu de l'abîme,
O Beauté! ton regard, infernal et divin,
Verse confusément le bienfait et le crime, (...)"
(1, p. 51)*

O Marechal, depois de ter negado a energia que um dia ele voltou para o mundo exterior (a

* "Vens do fundo céu ou saís do precipício,
Beleza? O teu olhar celestial e daninho
Verte confusamente o crime e o benefício, (...)"
(2, p. 51)

ERFAHRUNG) - período conhecido pelos biógrafos - volta-se para si próprio (a ERLEBNIS); canaliza sua vontade de poder para o fazer alquímico, sa tânico (o que equivale ao fazer poético), ou se ja, ele inventa/diz o seu mundo à revelia do mun do exterior e suas normas, criando assim o mun do, ao inventar o próprio EU - o Barbe Bleue. O mundo de Gilles de Rais terá por matéria tanto o mistério como a realidade, desde que surgidos no espaço onírico, único espaço onde as limita ções perdem suas fronteiras.

Desse modo, Gilles de Rais, como quer Dur tal, mostra-se um des Esseintes do século XV, completo, ou seja, é um herói "à rebours", visto que "o direito" já está demasiadamente gasto e nada se apresenta como novo em qualquer direção. Colocar-se "à rebours" se dá de modo intencio nal, com uma lucidez que abala qualquer suporte racional, significando, então, atingir o máxi mo de tensão inscrita na esfera do Absoluto onde Iluminar-se implica automaticamente em Eliminar-se. Lúcido desse fatalismo que persegue aquele que desafia os deuses em todo o seu esplendor, resta-lhe apenas este consolo: ter todo o povo, em procissão, rezando e cantando salmos na hora de sua execução.

A Iluminação buscada por Gilles, ou seja, aquela primeira luz que envolve a divindade quando esta se deixa ver na sua totalidade, é-lhe fatal, pois traz em si o aniquilamento do ser - simbolizando no mito de Lúcifer - ilumina-o, eliminando-o. Essa foi a forma de heroicidade encontrada pelo Marechal e que havia sido ocultada pela Razão: a de herói estilhaçado, fragmentado pela luz que ele buscou e que Durtal procura recompor numa última tentativa de fazer brilhar algo novo e autenticamente humano.

A diferença entre Gilles de Rais e des Esseintes está no modo como cada um manipula o imaginário, na criação da ordem social privada. Se Gilles de Rais apela para a Iluminação Satânica e a morte luciferina - ele procura o modo de interiorização para resolver o seu tédio; já des Esseintes construirá sua ordem social privada à maneira do "dandy" e do colecionador - procura o modo da exteriorização. No primeiro, isso se resolve em desejo e, no segundo, em abulia. Ambas as visões, porém, negam a visão mecanicista da História, tal como concebida pelos clássicos, ainda que adotem uma visão cíclica da História - a do eterno retorno do mesmo, já que deseja, abulia e encantamentos do irracional, do sa

tânico ou da morte jogam todo o arbítrio no humano, na natureza humana que quer ser ou corrompida ou salva.

Finalmente, a figura do **Barba Azul** que deu origem ao mito **Gilles de Rais**, segundo algumas versões históricas, é anterior à própria época em que Gilles de Rais (a personagem histórica) viveu. A lenda do Barba Azul, segundo alguns, é uma lenda céltica que foi justaposta àquela personagem para justificar o caráter sacrificial da sua morte e para diferenciá-lo da santificação de Jeanne d'Arc.

Na verdade, Gilles de Rais não pode ser separado de Jeanne d'Arc; porém, o processo de fundação de uma nação só comporta um **herói mítico**, quer ele seja um **herói providencial**, quer **sacrificial**.

Como já apontou Sir Georges Frazer em *O Ramo Dourado*, todo sistema cultural que se estrutura a partir de um Estado-Nação tem como fundador do mesmo um herói humano que se sacrifica ao entregar seu corpo físico aos deuses e, ao subsumir seu corpo físico, o herói perde sua humanidade e ganha a divindade - é o mito grego de Hércules e o judaico-cristão de Jesus, crucificado.

Na construção da moderna nação francesa, serviu para a construção mitológica a figura de Jeanne d'Arc, que se viu dividida junto com Gilles, le Maréchal. De heroína sacrificial, se vê alçada a heroína providencial, emblematizando a figura do **Cordeiro Imolado**. O mesmo não ocorre com Gilles de Rais que se vê retirado de cena e condenado às práticas satânicas e à eliminação simbólica e, posteriormente, física, porém, não ao esquecimento absoluto já que se torna figura lendária, construída como antípoda à de Jeanne d'Arc.

Interessa-nos saber porque os mitos de Jeanne d'Arc e de Gilles são atualizados no século XIX. Como se sabe, o processo de santificação de Jeanne d'Arc é muito recente. De bruxa a santa, um longo período foi percorrido e, no século XIX, foi de interesse para os políticos conservadores, ávidos por símbolos e mitos políticos, e para a Igreja Católica ultramontana, a revivência do mito de Jeanne d'Arc em um mundo e época carentes de símbolos políticos. Toma ela o lugar de mito fundador do Estado e da civilização francesa, substituindo os desgastados Carlos Magno e Napoleão Bonaparte.

Esta revivência faz ressurgir a história do

seu oponente - Gilles de Rais - o elemento masculino, o derrocado, o humano e o corrupto. Pode-se dizer que ele se torna um herói **às avessas** e, portanto, a sombra oculta, a história não contada da História oficial, o que veio a encantar os historiadores não presos à Historiografia oficial e todos os intelectuais presos aos ideais românticos e pré-românticos da filosofia das luminescências, ou seja, das iluminações íntimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAUDELAIRE, Ch. *Les fleurs du mal*. Paris: Garnier-Flammarion, 1964.
2. BAUDELAIRE, Ch. *As flores do mal*. Trad. de Jamil Almansur Haddad. 3. ed. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1981.
3. BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, 1).
4. HUYSMANS, J.K. *Lã-Bas*. Paris: Gallimard, 1985.
5. PAES, J.P. (Trad.) *Huysmans ou a nevrose do novo*. In. HUYSMANS, J.K. *As avessas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Coleção Estudos).
- FERNANDES, E., AMARAL, L.A. O decantismo: um movimento anárquico. *Boletim. Área de Língua e Literatura Francesa*, Araraquara, FCL, n. 3, p. 27-61, 1984.
- HUYSMANS, J.K. *A rebours*. Paris: Gallimard, 1977. (Collection Folio).